

Recensão de

Leopoldo CERVANTS-ORTIZ. *Series de Sueños* : La Teologia Ludo-erótico-poética de Rubem Alves. México : Centro Basilea de Investigación y Apoyo.

Eu tenho simplesmente explorar criticamente os elementos e a possibilidade de uma nova linguagem que alguns grupos de cristãos estão tentando desenvolver.

Rubem Alves, Prefácio à *Teologia da Esperança Humana*.

Em 1996 fui convidado pelos editores da *Die Religion in Geschichte und Gegenwart*, enciclopédia conhecida simplesmente por *RGG*, a escrever dois artigos para a sua quarta edição então em preparo. Tratava-se de artigos, mais propriamente verbetes pelo espaço que deviam ocupar, sobre Erasmo Braga e Rubem Alves. Deveriam aparecer logo no primeiro volume.

Quanto a Erasmo Braga a tarefa era simples. O material estava à mão e o biografado já estava julgado pela história. Preparei logo o verbete sobre ele e parti para a empreitada que, desde logo, se me afigurava como perigosa: como interpretar e selar, porque o que se escreve em enciclopédia permanece pela eternidade, o pensamento de alguém em pleno vigor produtivo? Verdadeira temeridade é o que representa tal tarefa.

Com “temor e tremor” dirigi-me a Rubem comunicando-lhe o peso que estava sobre meus ombros. Pedi-lhe que viesse em meu auxílio e ele atendeu-me com sua habitual generosidade. Junto com sua biografia e currículo, deu-me uma relação de seus escritos. Em nossa correspondência ficou logo claro nosso desencontro no tempo. Ele já usava o computador e eu ainda castigava as teclas de minha velha Lettera.

A relação dos escritos que Rubem me deu surpreendeu-me e deixou-me mais preocupado ainda. Além dos trabalhos propriamente teológicos, uma relação razoavelmente longa incluía crônicas, poesias e até histórias para crianças, gênero em que ele se enveredara com grande sucesso. Incluía também três vídeos: “Os símbolos”, “Visões do Paraíso” e “Conversando com

quem gosta de ensinar”.

Não entendi. Como fazer uma síntese do pensamento teológico, porque era essa a intenção da Enciclopédia, de alguém que, sabendo disso, mesclava obras propriamente teológicas com trabalhos que, mesmo aparentemente, pouco ou nada tinham a ver com o que simplesmente se chama “Ciência Divina”?

Muitos daqueles trabalhos eu não conhecia, embora lesse com freqüência suas crônicas em *Tempo e Presença*. Mesmo a *Teologia da Esperança Humana*, lida em espanhol com prefácio de Miguez-Bonino, eu já não possuía porque um dos meus alunos tomara a iniciativa de ficar com ela em troca da edição em italiano que é a que ainda tenho (a epígrafe a esta resenha é uma “reversão” do italiano ao português).

O embaraço inicial transformou-se em terror. Acostumado ao rigor conceitual de um conhecimento que, para muitos, se eleva à categoria de ciência, não via como interpretar um teólogo que escrevia de maneira inusitada e fora dos padrões da língua teológica. Fazia o mesmo quando se avizinhava da filosofia, o que explica a presença constante de Nietzsche em seus trabalhos. De fato, Nietzsche parece ser o filósofo que mais foge, no uso contínuo que faz de metáforas e alegorias, da língua filosófica consagrada. O mesmo podemos dizer de Kierkegaard.

Contudo, se a linguagem destoante na filosofia não expulsa nenhum filósofo da sagrada mansão filosófica (quem ousaria fazer isso com Platão quando comparado com a seqüidão de Aristóteles?), com a teologia não acontece o mesmo. A linguagem conceitual e técnica, pretensamente científica, é a senha e a contra-senha para o ingresso e permanência nos salões da mansão vizinha à da filosofia. Quem escreve teologia noutro sistema lingüístico não é teólogo e, por conseqüência, não deambula nos espaços sagrados porque são banidos dali. Aqueles que obstinam-se em ali ficar são esquecidos e vagueiam solitários pelos desvãos do esquecimento eclesiástico.

Não entendendo ainda isso, não encontrava o rumo que devia dar às poucas linhas do verbete “Alves, Rubem”. Senti-me salvo quando recebi do editor da RGG a notícia de que a redação da Enciclopédia decidira não incluir biografias de pessoas vivas. Porém, ao alívio que essa notícia me dava, juntou-se um forte

sentimento de injustiça para com Rubem, pois que ele bem que merecia aparecer na Enciclopédia pela importância do seu pensamento que já sintetizava, com maestria, um momento crucial do protestantismo no Brasil e na América Latina. No Brasil, particularmente, o protestantismo estava à beira do Rubicão para o salto decisivo de sua emancipação intelectual e teológica. Vozes fortes se levantavam para que o salto fosse dado, como as da Conferência do Nordeste em 1962, de Richard Shaull e Rubem Alves. Ao contrário do que fez Júlio César ao atravessar o Rubicão e marchar para Roma, o protestantismo brasileiro recuou para o interior de seus muros e ignorou a voz de seus profetas e, em alguns casos, os fez calar. Entre eles, os que falaram mais alto como Shaull e Rubem.

Mas, Rubem não entrou na RGG porque estava vivo e, felizmente para nós que o estimamos e admiramos, ainda está. Espera-se que por muito, muito tempo.

Apesar de morarmos a pouco mais de cem quilômetros um do outro, meu contato com Rubem Alves tem sido desafortunadamente escasso. Prolongando além do previsível minha vida acadêmica, da qual Rubem se afastou no tempo oportuno, trabalhamos em descompasso. Rubem tem sido para mim como uma “música ao longe”, cuja melodia se aproxima e se afasta, mas nunca se perde no descompasso rítmico dos acontecimentos. Assim, não tenho acompanhado como gostaria o desenvolvimento do pensamento de Rubem Alves. Nos desvãos da mansão em que também me acho, mal ouço falar dele. Seu nome é esquecido, ou até proibido, mesmo na periferia onde estão os outros deslembados que se esqueceram da senha. Mas a melodia insiste num *da capo* que foi sua presença como conferencista principal num congresso da mocidade da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil realizado em Curitiba-PR, em 1965. Ali, Rubem, enfrentando preconceitos dos líderes da Igreja, foi vigiado e boicotado. Seu exílio se prenunciava, como aconteceu oficialmente em 1970 quando renunciou ao ministério e à “pertença” à Igreja Presbiteriana. Todavia, como ele mesmo afirmou, a decisão não foi dele, pois que fora antes tomada por outros. É o mecanismo cruel pelo qual alguém, de súbito, se sente exilado da Igreja sem que quem quer que seja assuma o ato. O

próprio Rubem deu um nome a esse mecanismo político: “acordo silencioso de cúpula”.

Neste ponto alguém poderia perguntar com razão: mas é isto uma resenha? Confesso que é, e ao mesmo tempo em que não é. É enquanto pretende registrar e divulgar o trabalho de Leopoldo Cervantes-Ortiz entre os leitores desta publicação; não é, embora tenha muito a ver com a obra em questão, enquanto serve de alavanca para reflexões pessoais do resenhista.

Fiquei agradavelmente surpreso e admirado quando desde o início da leitura do livro de Leopoldo Cervantes-Ortiz fui percebendo o brilho do Autor ao enfrentar as dificuldades de síntese que a obra de Rubem Alves oferece. Tive oportunidades de participar de bancas examinadoras de dissertações e teses sobre Rubem Alves, mas nenhuma delas levou-me aos sentimentos e recordações proporcionados por este livro. É certo que a leitura de trabalhos acadêmicos quase sempre têm efeito anestésico sobre o leitor porque elas afloram como teste de conhecimento que deve ser julgado mediante os cânones rígidos da academia. Possíveis belezas e encantos são evitados pelos autores e quando, por inadvertência ou entusiasmo, eles se insinuam no texto, são logo desbastados pelos orientadores canônicos. Mesmo assim, não descarto a possível qualidade dessas dissertações e teses que tenham se constituído em boas sínteses do pensamento de Rubem Alves. Se isso ocorreu, deixei-as passar em branco por estar “do lado de cá da mesa”.

Series de Sueños, um estudo da teologia ludo-erótico-poética de Rubem Alves, originalmente dissertação de mestrado defendida na Universidade Bíblica Latinoamericana de San José, Costa Rica, em 1998, de fato consegue propor, com sucesso, uma emocionante síntese da obra do pensador mais importante até agora surgido no protestantismo do Brasil. O próprio Rubem Alves, ao escrever a apresentação do livro que, ao seu estilo substituí o prosaico título de apresentação por “la belleza de los pajaros al volar...”, aliviou-me a mim do sentimento de impotência sintética e, ao mesmo tempo, faz justiça a Cervantes-Ortiz pelo feliz nexos que ele faz de uma obra extensa e fragmentária, fragmentária em sua própria razão de ser, isto é, a negação consciente da linguagem canônica, sistemática e conceitual

própria de quem faz teologia “do lado de dentro”. Diz Rubem:

... teve (Cervantes-Ortiz) a paciência de juntar as
peças
do meu quebra-cabeças.

De fato, foi o que o Autor fez: juntou, com rara felicidade, uma obra fragmentária na forma expositiva, mas que se revela admirável quando vista nos quadros de outra lógica, quer dizer, na lógica do que não tem lógica. Como ter lógica ao falar de Deus? Deus não pode ser transformado em premissa maior de uma série de silogismos. É, penso, por essa razão que Rubem afirma ser desnecessário provar, antes de tudo, que Deus existe. Para ele, existe o homem, não o homem hipostático, metafísico, mas o homem “de carne e osso”, como insistia Miguel de Unamuno, o ser que sonha coisas não vistas, mas que sabe que existem e delas se aproxima como se acercasse de uma mesa de aperitivos.

Invertendo todas as coisas, Rubem faz teologia partindo do homem, mais precisamente ainda, do corpo. Foge, desse modo, da abstração. Trata do homem concreto, vivente e sofredor, mas que espera coisas boas com as quais sonha. A ressurreição para Rubem é a ressurreição do corpo, não num corpo celestial, mas num corpo liberto da culpa e pronto para gozar das dádivas do que Deus fez.

Durante a leitura de *Series de Sueños*, diante da exposição que seu Autor faz do pensamento de Rubem sobre as alegrias poético-eróticas do corpo, lembrei-me da bela figura da *pericorese*, espécie de diálogo alegre e dançante das pessoas da Trindade. Esta figura, entre outras coisas, aponta para uma fé alegre que aguarda confiante o reino de liberdade.

Concluindo esta resenha, que afinal desborda-se a si mesma, pois mistura a pretendida exposição a respeito do livro de que trata com reflexões e lembranças do resenhista, o que se justifica pelo fato de que ambos, tanto o Autor do livro como o destas linhas, terem Rubem Alves como amigo comum, importa uma apreciação final sobre *Series de Sueños*.

Cervantes-Ortiz busca demonstrar através de estudo cuidadoso das obras de Rubem Alves, o desenvolvimento do seu pensamento, em cuja empresa foi muito feliz como atesta o

próprio teólogo. Teólogo: podemos atribuir este título a Rubem Alves? Certa vez, não me lembro em que lugar, ele escreveu que se “demitia” da teologia. De fato, se demitiu da teologia conceitual e acadêmica, mas continuou fazendo teologia ao seu modo, do lado de fora da mansão consagrada. Todavia, continuou teólogo e, como tal, o continuamos vendo.

Como resultado desse esforço, Cervantes-Ortiz aponta para o itinerário teológico, intelectual e espiritual de Rubem Alves como uma via alternativa ao desenvolvimento da teologia latino-americana, principalmente pelo que se mostra na origem de seu pensamento, isto é, em *Teologia da Esperança Humana*. Apontado em geral como precursor da Teologia da Libertação, como de fato e justiça o é, esta afirmação, contudo, limita a obra de Rubem Alves, pois que fica no limbo o desdobramento posterior do seu pensamento. Por isso, Cervantes-Ortiz chamamos a atenção para a forma desviante escolhida por ele, Rubem Alves. Patenteia o uso de uma nova linguagem teológica.

É singular como Rubem Alves aparta-se da avenida da Teologia da Libertação e busca veredas alternativas quanto a métodos e conceitos. Vale apenas lembrar a mudança que ele introduz no conceito de liberdade e, por conseqüência, no conceito de libertação. Enquanto a Teologia da Libertação fixa-se nos pressupostos marxistas e restringe libertação aos aspectos econômicos e políticos, Rubem Alves recua o conceito ao seu sentido mais primordial de ressurreição como libertação do corpo. E como para dizer isto os conceitos habitualmente usados e, às vezes equivocados, da teologia entendida enquanto tal não são suficientes, Rubem Alves usa a poesia. Pois, não alcança a poesia dizer nos simples quartetos e tercetos de um soneto o que se gasta em páginas e páginas da melhor prosa? O que dizer então da magia e da força dos *haikai*?

Cervantes-Ortiz conclui seu belo livro sublinhando três sínteses da obra de Rubem Alves: fé-poesia, jogo-vida (corpo) e beleza-política.

Fica aqui o convite à leitura de *Séries de Sueños* pois que, como diz seu Autor ao encerrar o livro, “o convite a sonhar *séries de sonhos* continua de pé”.

Leopoldo Cervantes-Ortiz é presidente do Centro Basilea

de Investigación y Apoyo, A. C., com sede no México
(<http://members.tripod.com.mx/centrob>).

Antonio Gouvêa Mendonça
Professor no mestrado em Ciências da Religião
Universidade Presbiteriana Mackenzie
Agmendonca@netsite.com.br